Resenha: 'O nascimento de Joicy' – uma breve jornada pelo livro de Fabiana Moraes

Juliana de Medeiros Sehn
Universidade Federal do Paraná

MORAES, Fabiana. ***O nascimento de Joicy*: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

O livro *O nascimento de Joicy*, publicado em 2015 e escrito pela jornalista Fabiana Moraes, é dividido em três partes principais, além da apresentação e da introdução. Na apresentação (de título "Sensibilidade e Senso Crítico"), Sylvia Moretzsohn, jornalista citada na parte mais teórica e reflexiva do livro, faz uma breve exposição sobre o tema da subjetividade abordado na obra. Já a introdução ("Drama e Técnica"), traz uma reflexão inicial de Moraes sobre a relação complexa entre repórter e personagem, além de sumarizar o que será encontrado nas três partes principais do livro: "A Reportagem", "Aproximação e Distanciamento" e "O Subjetivo como Elemento Político".

A primeira parte é a simples republicação da série de reportagens "O nascimento de Joicy", publicada em abril de 2011 no Jornal do Commercio e vencedora do Prêmio Esso no mesmo ano. A questão central da obra gira em torno desta reportagem e de sua personagem principal: Joicy, mulher transexual de 51 anos, cabeleireira e ex-agricultora. A reportagem aborda as dificuldades vividas por Joicy em sua trajetória de redesignação sexual, impostas principalmente devido à sua pobreza, sua personalidade (muitas vezes difícil) e, como veremos adiante, sua aparência masculinizada.

Na segunda seção da obra, a autora conta sobre os bastidores da produção da reportagem, sobre como iniciou sua aproximação de Joicy e, posteriormente, sobre as dificuldades que teve com a transexual, por conta da característica reativa da ex-agricultora e da relação complexa que se estabeleceu entre as duas, na qual Joicy passou a esperar e exigir que a repórter resolvesse todos os seus problemas. Aqui, Moraes também relata sua rotina complicada como repórter especial do Jornal do Commercio em Recife e, ao mesmo tempo, doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco (em determinado momento, a autora pediu licença do trabalho para se dedicar à sua tese de doutorado, mas continuou acompanhando Joicy para a reportagem, mesmo sem ser remunerada para isso).

Já no terceiro momento da obra, Moraes faz uma reflexão teórica em defesa da subjetividade no jornalismo, citando autores como Carlin Romano e Francisco Karam, além de falar sobre outras de suas reportagens, como "Os Sertões".

Joicy, personagem central do livro de Moraes, é habitante de uma residência de condições extremamente precárias em Perpétuo Socorro, distrito de Alagoinha, em Pernambuco. Conforme relatado pela autora, a cabeleireira se destacava das demais transexuais que estavam na fila para conseguir uma cirurgia de redesignação sexual pelo SUS, no Hospital das Clínicas em Recife, onde foi encontrada por Fabiana Moraes em 2010. Isto porque ela, apesar de se reconhecer como mulher, era a única que não se encaixava nos padrões do que é considerado feminino – como diz a autora no livro: "Parecia homem. Mas se chamava Joicy. " (MORAES, 2015, p. 33).

Sem maquiagem, nem vestido, nem brincos, Joicy geralmente vestia bermuda e camiseta. O pouco cabelo que tinha era curto. Fisicamente, não tinha nada que remetesse ao estereótipo de feminino a não ser pelas unhas pintadas de vermelho e "os peitos que já se destacam sob a camiseta" (MORAES, 2015, p. 34). A aparência de Joicy era estranhada por todos: pelas pessoas que moravam no seu distrito, pelos médicos que a atendiam e até pelas próprias transexuais que esperavam na fila do hospital. Diante desse ambiente doloroso de inquietação alheia, Joicy muitas vezes "fechava o rosto" ou se desconectava do mundo ao redor (MORAES, 2015, p. 19). Sua personalidade, como descrita pela repórter, era extremamente reativa, o que mantinha as pessoas afastadas, mas ao mesmo tempo era carente e doce. Em suma, era uma pessoa solitária, marcada pelo preconceito e por uma pobreza extrema. A casa da cabeleireira não tinha saneamento básico – havia um esgoto a céu aberto em seu quintal – e o banheiro dividia o mesmo espaço da cozinha. Sem dinheiro, Joicy também juntava água da chuva para beber e cozinhar. É assim que Joicy vive no momento em que a reportagem é produzida.

A expressão "O nascimento de Joicy" que dá título ao livro e à reportagem em questão de Fabiana Moraes vem de uma ideia que a autora teve ao analisar uma das fotos tiradas pela fotógrafa Hélia Scheppa durante a produção da reportagem: Joicy, nua, se cobria da mesma forma que Vênus na famosa pintura de Sandro Botticelli, *O Nascimento de Vênus* (c. 1485). A partir disso, foi tirada uma nova foto de Joicy na mesma pose para ser utilizada como capa do jornal, na qual foram adicionados elementos da pintura de Botticelli, como os anjos do lado esquerdo e a mulher com o manto do lado direito. Sobre isso, Moraes conta no livro: "Achei particularmente incrível ver aqueles ícones do Renascimento pairando sobre a sala empobrecida

da mulher nascida João. Era estranho e, ao mesmo tempo, muito bonito. ” (MORAES, 2015, p. 130). Além de servir como referência para a capa da reportagem no Jornal do Commercio, *O Nascimento de Vênus* também foi utilizado como recurso para a capa do livro abordado aqui: consiste na reprodução da pintura original, exceto por Vênus, cuja imagem foi cortada da cintura para cima no formato de um círculo, onde se vê o título da obra – *O nascimento de Joicy.*

O título também faz referência à transformação de Joicy relatada na reportagem. Moraes coloca a ideia de “nascimento” como o momento em que Joicy realiza a cirurgia de redesignação sexual e, finalmente, se coloca no mundo como mulher. O momento da cirurgia é narrado como a morte de João (nome masculino dado a Joicy) e, ao mesmo tempo, como o nascimento de Joicy (nome dado a ela por um anjo em um sonho).

É interessante notar o recurso literário criativo com que a autora utiliza a ideia de “nascimento” em seu texto. A primeira frase da reportagem apresenta o nascimento de Joicy como se tratasse realmente de um ser humano recém-nascido, e não de um de 51 anos: “Joicy Melo da Silva nasceu no dia 22 de novembro de 2010, às 12h30” (MORAES, 2015, p. 31). Logo em seguida, Moraes mantém o recurso literário, cuja ironia fica evidente ao mostrar que não se pode estar falando de um bebê recém-nascido: “Pesava 74 quilos e media 1,63 metros de altura. Naquele dia, mais sete partos foram realizados no Hospital das Clínicas (HC), na Cidade Universitária, Recife (PE). O de Joicy foi, sem dúvida, o mais complicado de todos: durou quase sete anos e envolveu uma série de especialistas” (MORAES, 2015, p. 31). Este trecho, que dá início à reportagem em questão, assim como o título e a capa da obra, evidenciam a criatividade e simplicidade utilizados por Fabiana Moraes em seu trabalho. A referência à *O Nascimento de Vênus* se encaixa perfeitamente nos temas que pairam sobre o que é relatado na reportagem: a questão do que é ser mulher, os estereótipos de feminilidade, a ideia de pureza e delicadeza – elementos todos representados por Vênus e que, ao mesmo tempo, vão de encontro com a figura masculinizada, reativa, forte e corajosa de Joicy (talvez até o corte do corpo de Vênus em formato de círculo na capa do livro faça referência à posição desafiadora da personagem principal diante das limitações do que é percebido como feminino).

A narrativa da reportagem, quando analisada de trecho em trecho, é construída de forma não totalmente linear: inicia contando brevemente sobre o dia do “nascimento” de Joicy, mas logo depois fala sobre o dia em que, antes da cirurgia, a repórter conheceu a transexual no Hospital das Clínicas e, um pouco depois, traz uma contextualização sobre a infância da

cabeleireira. Dessa forma, a autora vai relatando o processo de redesignação sexual de Joicy, resgatando, em alguns momentos, elementos do passado para contextualizar a narrativa.

As duas primeiras partes do livro contam com uma linguagem bastante simples e criativa. Como exposto anteriormente, a autora utiliza a ironia para colorir o início da sua reportagem, fazendo alusão ao emblemático "nascimento" de Joicy. Moraes faz uso desta criatividade para ilustrar diversos outros momentos do texto. Na segunda seção, ao descrever o estado emocional de Joicy após seu amigo Dorneles ir embora do hospital, poucos dias após a cirurgia da cabeleireira, a repórter escreve o seguinte: "Percebi que precisava ser ainda mais delicada com ela, que estava em carne viva. " (MORAES, 2015, p. 114). Aqui, a autora utiliza o recurso da metáfora de forma poderosa para mostrar como a transexual estava se sentindo. Ao invés de tentar descrever detalhadamente o estado de fragilidade em que Joicy se encontrava, Moraes deixou isto evidente utilizando apenas duas palavras fortes em sentido figurado – "carne viva". Isso também ocorre quando a autora reflete sobre as unhas do pé pintadas da ex-agricultora que contrastavam com um ferimento no dedão direito, cercado por moscas: "Aquela imagem não sairia da minha cabeça: era uma espécie de síntese da vida dura, com algumas pinceladas de sonho e cor, da cabeleireira. " (MORAES, 2015, p. 99). Novamente, ao comparar o ferimento e as moscas com a "vida dura" e as unhas pintadas com "algumas pinceladas de sonho e cor", a autora faz uso criativo de um recurso literário em vez de simplesmente descrever tudo de forma direta e objetiva.

Ao mesmo tempo em que a repórter utiliza esses recursos literários que colorem e tornam o texto mais interessante, ela não deixa de lado as características jornalísticas. Na reportagem, podemos perceber que a autora se coloca de forma quase invisível (e se aprofunda sobre a sua experiência pessoal e jornalística com Joicy apenas na seção seguinte). Os momentos em que a repórter aparece na reportagem são colocados de forma mais concisa e objetiva e os sentimentos gerados pelas situações relatadas ficam apenas implícitos. A autora deixa para os leitores perceberem o impacto de cada situação descrita, sem a necessidade de se colocar tão evidentemente no relato. É possível perceber essa objetividade no trecho da reportagem em que é descrito o momento em que Dona Irene, mãe de Joicy, vai visitar a filha pela primeira vez após a cirurgia. O trecho consiste quase totalmente em uma transcrição do breve diálogo ocorrido entre mãe e filha, antes de Dorneles ligar no celular da ex-agricultora, que passa, a partir daí, a ignorar Dona Irene. Nas palavras de Moraes: "O celular da cabeleireira toca. É Dorneles. Ela passa a conversar com ele e ignora a mãe. Quase 40 minutos depois, Dona Irene sai. " (MORAES, 2015, p. 71). Depois disso, a mãe da transexual decide ir embora e,

assim, é encerrado o relato daquele momento. O incômodo gerado pela situação fica apenas implícito. É somente na segunda parte do livro que descobrimos o desconforto e decepção sentidos pela repórter naquele dia.

Outra característica jornalística do texto são os dados trazidos por Moraes. Além de contar a história de Joicy apurada por ela, a autora também apresenta dados oficiais que contextualizam a narrativa. No trecho "Sem dinheiro, bebia água da chuva" da reportagem, Moraes coloca entre parênteses alguns dados:

> Com o benefício de R$ 68 (vindos do Bolsa Família, que atende 8.964 pessoas em Alagoinha) [...] O valor, é claro, pouco cobre as despesas da cabeleireira, que compartilha sua pobreza com a maioria dos moradores da cidade (realidade de 62,81% da população, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa [IBGE]). (MORAES, 2015, p. 74)

Os trechos "Operação é polêmica na medicina e no Congresso" e "Quem sofre mais" sequer chegam a falar de Joicy diretamente, focando em apresentar dados e um contexto mais abrangente sobre a questão da transexualidade no Brasil (esta atitude de contextualizar os temas é inclusive defendida por Moraes na terceira seção do livro, na qual argumenta sobre a importância de produzir reportagens que aprofundam as discussões e observam os fatos em sua totalidade ao invés de simplesmente repetir e reforçar o senso comum em uma apuração apressada).

Agora entraremos mais a fundo em alguns aspectos da história de Joicy contada na reportagem de Fabiana Moraes. É importante perceber como esta narrativa expressa muito fortemente a questão do preconceito em relação à comunidade transexual, problemática ainda tão presente na sociedade brasileira atual. Este preconceito é intensificado no caso de Joicy, devido à sua condição econômica complicada, à cidade pequena onde vive, onde os preconceitos tendem a ser maiores, e, como mencionado antes, à sua aparência masculinizada e sua personalidade difícil, esta última provavelmente vinda também como consequência das hostilidades vividas pela cabeleireira durante toda a vida.

Este preconceito é evidenciado em diversos momentos na reportagem. Um dos locais em que Joicy mais teve dificuldades foi no próprio hospital onde fez a cirurgia, a 250 quilômetros de onde morava. Moraes descreve uma série de situações em que a má vontade e o preconceito dificultaram enormemente o atendimento de Joicy. Diversas vezes, a cabeleireira teve que esperar por horas o carro do hospital chegar para leva-la para casa. Em determinada situação, teve que dormir em um hospital de Alagoinha por falta de transporte. Em outro momento, a transexual fez o longo percurso até o Hospital das Clínicas apenas para conseguir

um atestado certificando sua sanidade mental para que ela pudesse mudar o seu nome oficialmente para Joicy. A psicóloga Inalda Lafayette, ignorando o fato de sua paciente morar longe, disse que não podia falar e pediu à ex-agricultora para voltar outro dia.

Em Perpétuo Socorro, a transexual também vivia diariamente os preconceitos, visíveis tanto em suas irmãs, que demostram evidente desconforto diante da presença da cabeleireira, quanto nos demais moradores do distrito, que dizem não ter nada contra Joicy, mas se recusam a chama-la por seu nome feminino e até mesmo a tirar uma foto ao lado dela para o jornal.

A história contada no livro vai além da transexualidade e insere a discussão sobre o jornalismo a partir do segundo momento da obra, quando a autora fala sobre os conflitos existentes entre ela e Joicy. A principal dificuldade foi baseada nas exigências feitas pela transexual à repórter, chegando ao ponto de insinuar que Moraes estaria ficando com um dinheiro que deveria ser destinado à cabeleireira. A partir de situações desse tipo, que magoavam e desgastavam a autora, levando eventualmente ao seu distanciamento de Joicy, Moraes coloca seus primeiros questionamentos sobre a relação jornalista-personagem. A repórter questiona tanto a sua proximidade em relação à personagem quanto o seu posterior afastamento.

Sendo assim, é evidente que o grande questionamento do livro sobre a relação entre jornalista e personagem é referente justamente aos limites dessa relação, normalmente estabelecidos no jornalismo por uma objetividade que a autora considera, em muitos momentos, insuficiente. Esta relação, presente nas reportagens especiais, é mais complexa e problemática quando comparada àquela existente entre jornalista e fonte, uma vez que, nas reportagens especiais, o repórter tende a mergulhar dentro da vida do personagem em uma profundidade que normalmente não acontece nas reportagens factuais e rotineiras. Além disso, o tempo de convivência com o personagem também é maior, o que intensifica o desafio de manter uma "distância profissional" e uma relação puramente objetiva. Sobre esta relação complexa, a autora comenta no livro: "Colocar-se no meio da vida dos outros, da dor dos outros, dos anseios dos outros tem um custo alto quando estamos impedidos de realizar essa aproximação (por obrigação e por humanidade), envolvidos em uma película protetora" (MORAES, 2015, p. 127).

Em diversos momentos durante a produção da reportagem, Fabiana Moraes se questionou sobre sua relação com Joicy. Não manteve uma relação totalmente distante, mas em determinadas situações também teve que estabelecer os seus limites. Diversas vezes, a repórter

deu dinheiro ou fez compras no mercado para a ex-agricultora, além de a aconselhar ou chamar sua atenção sobre sua relação com a família e com o amigo Dorneles. Aqui, acontece o questionamento ético da autora: como deixar de ajudar Joicy com estes pequenos gestos quando a repórter acompanha suas dificuldades e sua solidão tão de perto? Moraes questiona a importância do tão valorizado distanciamento em situações desse tipo. Ela coloca como alternativa a possibilidade de reconhecer estes "ruídos", estas imperfeições e complexidades presentes em qualquer trabalho jornalístico e utiliza-los no processo da escrita. Escrita esta que, como colocado pela autora, já é "múltipla de sentidos" e imperfeita (MORAES, 2015, p. 22).

Porém, em determinado momento, Moraes também teve que se afastar de Joicy, principalmente por conta das exigências feitas por esta para que a repórter resolvesse seus problemas. O afastamento também gerou indagações por parte da autora, que se perguntava se não estava simplesmente abandonando a cabeleireira da mesma forma que outras pessoas fizeram, diante da personalidade difícil da transexual. Ao mesmo tempo, Moraes reconhecia sua necessidade de se distanciar: "Entendi que era necessário fechar aquele ciclo, ou me tornaria uma refém da minha própria culpa" (MORAES, 2015, p. 141).

As preocupações da autora, do ponto de vista ético, me parecem muito pertinentes. De fato, o jornalista simplesmente vestir-se de uma suposta objetividade perfeita toda vez que for apurar uma história não é tão simples quanto tentam fazer parecer. Afinal, lidar com um personagem é, antes de tudo, lidar com um ser humano, ao qual o jornalista vai acompanhar de perto por determinado período. Cada pessoa e cada situação pode trazer especificidades únicas e, diante disso, é muito mais interessante que o repórter decida como lidar com cada caso considerando toda a sua complexidade específica ao invés de aplicar uma regra objetiva automática que pode não servir para nada além de ferir os sentimentos de uma fonte (Moraes reflete sobre isso ao citar um caso do repórter Leon Dash, que recusou um presente de dois adolescentes que entrevistou, em nome do profissionalismo).

Ao mesmo tempo, a autora mostra como uma aproximação maior do personagem pode trazer adversidades, como ocorreu com Joicy, que passou a ver a repórter como a responsável por resolver suas dificuldades, situação que acabou tornando necessário o consequente distanciamento entre as duas. Apesar disso, acredito que passar por estas dificuldades, que podem ser impostas por uma certa aproximação entre jornalista e personagem, seja mais interessante do que apenas vestir a capa protetora da objetividade. Isto porque essa aproximação pode contribuir para um trabalho jornalístico que explora mais a subjetividade, expondo contextos que trazem maior qualidade ao material produzido, ao mesmo tempo que pode ter um

impacto positivo nos personagens, que estarão sendo vistos e tratados como seres humanos, importantes e dignos de atenção para além da reportagem.

Na terceira e última parte do livro, após expor aos leitores a reportagem sobre Joicy e, posteriormente comentar sobre seus bastidores, Moraes apresenta um ensaio defendendo um jornalismo mais subjetivo. Em vez de dar uma resposta pronta e concreta à questão complexa da relação jornalista-personagem posta em discussão no decorrer do livro, a autora foca em defender a aceitação da subjetividade no trabalho jornalístico. Trata-se não de excluir a objetividade, reconhecida pela repórter como algo essencial para o trabalho do jornalista, mas de entender que a subjetividade também está presente em qualquer reportagem ou notícia e que aceita-la significaria saber utiliza-la para melhorar a produção jornalística.

Neste sentido, concordo com a autora. É, de certa forma, presunção acreditar que a objetividade sozinha é suficiente para dar conta de situações que envolvem sempre, com mais ou menos profundidade, a relação entre seres humanos, estes complexos e plurais por natureza. A aceitação e utilização da subjetividade certamente contribui para um trabalho muito mais completo e com menos chance de reproduzir preconceitos ou ideias prontas moldadas pelo senso comum, como Moraes também aponta na terceira parte do livro.

É interessante perceber também que a repórter parece tentar colocar isto em prática em suas produções. Como vimos na reportagem sobre Joicy, a autora traz dados e informações adicionais que contextualizam o cenário da transexualidade no Brasil, algo que aprofunda a discussão gerada pela reportagem e acaba por informar não apenas sobre as dificuldades da vida de Joicy, mas de toda a comunidade transexual brasileira. O mesmo ocorre quando a autora ilustra um sofrimento pontual da cabeleireira devido à falta de atenção do hospital ou às condições precárias de sua moradia e de sua alimentação com dados sobre a quantidade de pessoas que dependem do Bolsa Família e que vivem na pobreza assim como Joicy. Trazendo essas contextualizações, a repórter cumpre um papel fundamental de mostrar que não basta fazer doações à Joicy após a leitura da reportagem (como, de fato, ocorreu), mas que é necessário discutir as questões da fome, da miséria e do preconceito em um sentido amplo para que estas problemáticas estruturais sejam combatidas de verdade.

Ao mesmo tempo, é importante que Moraes tenha se aprofundado na história de uma personagem só para que fosse possível para o leitor perceber as dores e dificuldades diárias que essas problemáticas causam em um ser humano, que passa a parecer íntimo do leitor após o

término da leitura. A combinação dos dois fatores – contextualização por informação e relato de uma história pessoal – cumprem, na minha opinião, justamente o papel de abordar as questões sociais em sua totalidade defendido pela repórter em seu livro.

Cabe ainda destacar aqui alguns aspectos sociais, culturais, midiáticos e econômicos presentes no livro de Moraes. No âmbito econômico, é marcante a situação de extrema pobreza de Joicy, evidenciada em diversos aspectos de sua vida: a necessidade de usar água da chuva para beber e cozinhar, sua casa com esgoto a céu aberto, sua geladeira vazia. Sobre a bagagem levada por Joicy para realizar a cirurgia, a repórter conta: "Joicy levava um saco de farinha como mala. [...] um retrovisor tirado de sua moto para ser usado como espelho pessoal. " (MORAES, 2015, p. 52). Relatando este cenário, a autora mostra aos leitores a realidade não apenas de Joicy, mas de grande parte da população brasileira. Moraes faz ainda uma crítica ao transporte público brasileiro, que é ainda mais complicado na zona rural, e à precariedade do SUS, que nem sempre consegue atender todas as necessidades daqueles que dependem dele. Ainda sobre o período em que Joicy está no hospital para realizar a cirurgia, a repórter escreve:

> A cama 1113-A está vaga e é nela que Dorneles se aloja. Apesar de um acompanhante ter sido recomendado pelo próprio hospital, não há qualquer tipo de acomodação para o rapaz de 23 anos. Assim, ele ocupa o leito temporariamente, até que outra paciente chegue. Quando isso acontece, após o terceiro dia de sua presença ali, oferecem uma cadeira de plástico laranja para ele sentar e dormir. Também é assim com os acompanhantes dos outros quartos no 11º andar Sul: no 1112, uma adolescente de 16 anos está há quatro dias tentando dormir sentada. Sua mãe vai remover um câncer do útero. (MORAES, 2015, p. 52-53)

No âmbito social e cultural, é interessante perceber o abismo entre as relações vividas por Joicy em Perpétuo Socorro e em Recife. Apesar de a cabeleireira ser alvo de preconceito nos dois ambientes, a comunidade de Perpétuo Socorro demonstrou, ao longo da reportagem, ser ligeiramente mais empática em relação a Joicy do que os trabalhadores do Hospital das Clínicas. No distrito de Alagoinha, a transexual conseguia ajuda para arrecadar comida, como é relatado por Moraes:

> Parte da comida era arrecadada a partir de passeios na feira do sábado. Pegava o que era descartado. 'Sempre me arrumam umas verdurinhas por lá. ' Contou, é verdade, com a atenção de alguns vizinhos. Um deles, cliente, pagou R$ 10, e não R$ 5, pelo corte. Outra, Edileuza Miranda, 49, mandou carne, feijão e queijo. [...] Quando a cirurgia inflamou, também teve que pedir ajuda. Foi até a farmácia de Fernando Galindo, 28, que há alguns anos vinha aplicando na cabeleireira as injeções de progesterona. Ele lhe deu alguns comprimidos anti-inflamatórios. (MORAES, 2015, p. 75-76)

Já no hospital em Recife a situação era diferente: "Se em Perpétuo Socorro Joicy conseguiu ajuda, o mesmo não aconteceu no dia 13 de dezembro de 2010, quando voltou ao

Hospital das Clínicas. ” (MORAES, 2015, p. 76). A repórter se refere ao dia em que a psicóloga Inalda Lafayette se recusou a atender Joicy, que precisava apenas de um atestado. Outra situação marcante de falta de empatia e extremo individualismo por parte dos funcionários do hospital foi quando Joicy pediu um gole de café ao seu médico:

> São 9h30 da manhã quando termina a consulta. Joicy, que havia acordado cerca de seis horas antes, repara na garrafa de café ao lado da mesa do cirurgião. ‘Queria um gole. ’ O médico, saindo da sala, responde: ‘Café se toma em casa’. Joicy não tinha café em casa. Na verdade, Joicy quase não tinha casa. (MORAES, 2015, p. 78)

Estes trechos da reportagem ilustram o curioso fato de que, dentre as pessoas ali retratadas, as mais simples, do distrito de Alagoinha, parecem ter um senso muito maior de empatia, solidariedade e comunidade do que as pessoas de classes mais altas que trabalham no Hospital das Clínicas em Recife. Enquanto alguns vizinhos de Perpétuo Socorro doam o que podem a Joicy, os funcionários da saúde em Recife não são capazes de conceder uma xícara de café ou poucos minutos a mais de atenção à transexual.

No cenário midiático, é interessante perceber a repercussão que a reportagem de Moraes teve e como ela se espalhou. A autora conta que o Twitter foi uma ferramenta fundamental para a disseminação da matéria. Diversos perfis com milhares de seguidores comentaram e compartilharam a história de Joicy, que passou a ser tópico de discussão na internet. Houve também, cartas de leitores expressando suas opiniões sobre a reportagem. Dentre os comentários havia aqueles que elogiavam e apoiavam e os que expressavam preconceitos.

Outro aspecto interessante é o momento de transformação do jornalismo que ocorria tanto durante a produção da reportagem quanto do livro de Moraes. A repórter explica, na terceira parte do livro, que o jornalismo está entre as instituições da modernidade que estão sendo questionadas a partir da crise do capitalismo, marcada pela crise da economia nos Estados Unidos em 2008. Passaram a ocorrer diversas discussões relacionadas à suposta morte da profissão. A autora chega a falar sobre o encolhimento das redações e as consequentes demissões em massa dos profissionais da comunicação:

> Em 2012, 1.230 jornalistas foram demitidos no Brasil, de acordo com levantamento do portal Comunique-se. A MTV brasileira fechou, o *Jornal da Tarde* também, a RedeTV! mandou embora 450 profissionais, o grupo Abril e o portal Terra, 150 pessoas cada um. Em Pernambuco, a Rádio Clube, tradicionalíssima, encerrou suas atividades em 2014. No Recife, os jornais impressos *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Commercio* e *Folha de Pernambuco* enxugaram drasticamente suas redações. (MORAES, 2015, p. 180)

Moraes defende que o momento poderia ser utilizado como um renascimento do jornalismo, uma oportunidade para reconhecer e transformar as falhas do modo operante atual da prática jornalística. A autora aponta como uma dessas falhas a apuração apressada e instrumentalizada, que, como já colocado aqui, acaba sendo danosa para toda a sociedade, uma vez que não debate temas essenciais com qualidade.

Diante do que foi exposto aqui, fica evidente a riqueza da obra de Fabiana Moraes, no sentido de diversidade de temas relevantes abordados de forma inteligente e criativa. Trago uma crítica apenas em relação à conexão entre cada seção do livro. Se as duas primeiras partes do livro (reportagem e bastidores) estão muito bem interligadas, a última seção (reflexão sobre a subjetividade) parece estar um tanto desconexa do resto da obra. Primeiramente, por se tratar de um ensaio claramente acadêmico, a linguagem desta terceira parte já não é mais tão simples quanto nas demais, tornando a leitura, de repente, muito mais pesada. Além disso, a autora conecta a reflexão sobre a subjetividade com a reportagem de Joicy apenas superficialmente e em poucos momentos – a reportagem é mais citada pontualmente em determinadas partes do que analisada. Isso faz com que esta terceira parte pareça realmente muito desconexa do resto do livro e, principalmente para o leitor comum, pode gerar certa confusão – afinal, o que aquilo tudo tem a ver com Joicy, que foi personagem principal do livro até agora? Claro, com uma leitura mais atenta e analítica é possível estabelecer diversas conexões entre o que a autora discute em um cenário amplo de jornalismo na terceira parte com o que é relatado sobre uma reportagem específica nas duas primeiras seções. Porém, diante do ensaio bem fundamentado e pertinente colocado pela repórter, faz falta uma análise mais profunda das dificuldades vividas com a reportagem de Joicy, já que estávamos lendo sobre ela até aquele ponto. É, de certa forma, uma oportunidade perdida. A autora nos apresenta a reportagem de Joicy completa e traz detalhes que contextualizam esta produção, apenas para praticamente deixar isto tudo de lado na última parte do livro.

Por conta disso, a meu ver, o ensaio poderia facilmente estar separado do restante do livro. Se fossemos ler esta terceira parte sem as seções anteriores, seria necessária apenas uma pequena contextualização sobre o caso de Joicy para que os argumentos da autora fossem plenamente compreendidos (isto é feito, inclusive, quando Moraes cita outras de suas reportagens produzidas como exemplo). Da mesma forma, a reportagem e o relato seguinte sobre os seus bastidores já se complementam de modo que, se não houvesse a terceira parte, o livro não pareceria incompleto. De qualquer forma, apesar de a montagem entre as diferentes

seções do livro não ser ideal, a meu ver, a obra de Fabiana Moraes não deixa de proporcionar uma leitura poderosa e importante.

Tendo isso em vista, recomendo a leitura do livro não apenas para estudantes de jornalismo, mas também para os próprios profissionais que já atuam na área, uma vez que Moraes traz uma discussão profunda sobre a prática e as responsabilidades do jornalismo na sociedade. A última parte em especial apresenta uma reflexão muito rica e de extrema importância para os profissionais da comunicação. De fato, a subjetividade deve ser mais explorada no campo jornalístico, para que a profissão cumpra o seu papel com maior qualidade e responsabilidade. Também é uma leitura interessante para o público em geral, uma vez que a reportagem sobre Joicy traz problemáticas ainda extremamente atuais como a pobreza, a transfobia e as limitações impostas aos gêneros na sociedade.

A segunda parte do livro também pode ser instigante tanto para os estudantes de jornalismo quanto para o público em geral, por mostrar os bastidores de uma reportagem especial em uma linguagem simples e acessível. O que mais gosto neste livro de Fabiana Moraes é justamente esta simplicidade de sua escrita jornalística, misturada em diversos momentos com recursos literários criativos que dão vida ao seu texto. Como já foi mencionado aqui, a escolha certeira e inteligente pelo título e pela capa do livro, ambos fazendo alusão à famosa obra de Botticelli, também é um aspecto desta criatividade que se encaixou perfeitamente com as questões abordadas na obra. E, por fim, a discussão teórica sobre a subjetividade no jornalismo é de extrema importância e relevância e deve, com toda a certeza, ser discutida mais amplamente dentro do meio jornalístico, para que os profissionais desta área, tão essenciais para uma sociedade democrática, deixem de atuar de forma meramente instrumentalizada, como é comum nas redações.

Referências bibliográficas

BOTTICELLI, Sandro. ***O Nascimento de Vênus***. c. 1485. Pintura, têmpera sobre tela, 172,5 x 278,5 cm.

MORAES, Fabiana. ***O nascimento de Joicy*: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.